

INFÂNCIA E CIDADANIA NO FILME *CAFARNAUM*: AFINAL, QUEM É A CRIANÇA SUJEITO DE DIREITOS?

Rodrigo Saballa de Carvalho¹
Sandro Machado²

Resumo: A partir das contribuições dos Estudos Sociais da Infância, o artigo tem como objetivo discutir as relações entre infância e cidadania com base na análise do filme libanês *Cafarnaum*, dirigido por Nadine Labaki. O filme retrata a vida de Zain e os desafios enfrentados por ele no contexto do abandono parental e da negligência do Estado em relação à luta do menino pela sobrevivência. Apoiados nas discussões de Stuart Aitken sobre as “infâncias apagadas” e de Manfred Liebel a respeito dos processos eurocêntricos de colonização da infância, problematiza-se o estatuto universal de “criança como sujeito de direitos”, proclamado pela Convenção sobre os Direitos das Crianças (UN, 1989), questionando: afinal, quem é a criança “sujeito de direitos”?

Palavras-chave: Estudos Sociais da Infância; Infância; Cidadania; Criança como sujeito de direitos; Cinema.

CHILDHOOD AND CITIZENSHIP IN THE MOVIE *CAPHARNAÛM*: AFTER ALL, WHO IS THE CHILD SUBJECT OF RIGHTS?

Abstract: Based on the contributions of Childhood Social Studies, the paper aims to discuss the relationship between childhood and citizenship by the analyzing the Lebanese film *Capharnaüm*, directed by Nadine Labaki. The movie portrays Zain’s life and the challenges he faced in the context of parental abandonment and the state’s neglect in relation to the boy’s struggle for survival. From Stuart Aitken’s point of view on “erased childhoods” and Manfred Liebel’s on the Eurocentric processes of childhood colonization, the universal status of “child as a subject of rights” proclaimed by the Convention on the Rights of the Child is problematized (UN, 1989), by questioning: after all, who is the child “subject of rights”?

Keywords: Childhood Social Studies; Childhood; Citizenship; Child as a subject of rights; Cinema.

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: rsaballa@terra.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8899-0998>

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: sandrodarione@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0134-8386>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Episódio 1: *Cafarnaum*

Periferia de Beirute, capital do Líbano. Plano aéreo de filmagem. Através do take aéreo, é possível observar centenas de prédios bem próximos, que servem como moradia para muitas famílias. Cortiços, miséria, movimento de pessoas, transporte e animais. O take aéreo de filmagem possibilita enxergar o desenho das ruas, das vielas, assim como o trajeto de crianças e adultos circulando. Após alguns segundos, a filmagem visibiliza com maior proximidade os moradores da periferia. Desse modo, pode-se notar crianças circulando pelas ruas: bebês engatinhando por vielas estreitas; meninos com idade em torno de 10 anos saltando sobre os bebês enquanto brincam correndo pelas ruas; crianças mais novas, observando o modo como os mais velhos se divertem na ocupação das ruas. Um grupo de meninos corre entre as vielas da periferia. Em meio a gritos e cantos, tais meninos exibem suas “armas”, construídas com pedaços de madeira e garrafas de plástico. Depois de certo tempo, a corrida dos meninos cessa de forma abrupta. O grupo de meninos decide “invadir” um dos prédios que os circunda. Conhecedores da região onde moram, eles entram em um dos apartamentos desocupados e celebram a “conquista do novo território”, enquanto degustam seus cigarros. Eis o cenário de abertura do filme *Cafarnaum*, produzido pela cineasta libanesa Nadine Labaki. (Transcrição do Diário de Campo)

Com a homologação da Convenção sobre os Direitos das Crianças (CDC) em 1989 (UN, 1989) e a correlata redefinição do conceito de cidadania (AITKEN, 2019), intensificaram-se as discussões sobre o reconhecimento das crianças como atores sociais de pleno direito. Os direitos de proteção, provisão e participação das crianças presentes no documento passaram a ser discutidos com mais ânimo. Conforme Aitken (2019, p.79), “o fato de que a CDC fornece uma plataforma ampla para discussão dos direitos das crianças e é adotada por quase todos os países deixa clara a sua importância de alcance global”. Na esteira desse debate, a noção de *cidadania da infância* (BROSTOLIN, 2021) também se tornou uma pauta recorrente no debate acadêmico e na prospecção de políticas públicas para a infância. Com a CDC, pelo menos discursivamente, “a cidadania da infância assume então um significado que ultrapassa as concepções tradicionais na medida em que implica o exercício de direitos nos mundos de vida” (BROSTOLIN, 2021, p.6-7).

Por outro lado, a CDC (UN, 1989) não é isenta de críticas. Autores como Aitken (2019) e Liebel (2019) apontam a pretensão universalista do documento, o caráter colonialista das indicações referentes aos direitos das crianças, assim como a representação hegemônica de infância advinda dos países do Norte global. De fato, “pode-se dizer, então, que a construção da CDC foi influenciada pelo pensamento iluminista ocidental” (AITKEN, 2019, p.79). Em perspectiva semelhante à dos autores referenciados, Brostolin (2021, p.2) expõe a presença de “[...] uma profunda contradição entre a normatividade infantil, produzida pela modernidade e as condições de vida das crianças vítimas do capitalismo”.

Inspirado nas discussões apresentadas e tomando como referência as contribuições dos Estudos Sociais da Infância, o objetivo do presente artigo é discutir as relações entre infância e cidadania a partir de uma *etnografia de tela* (RIAL, 2005; BALESTRIN, 2011) do filme libanês *Cafarnaum*, de 2018, dirigido por Nadine Labaki. *Cafarnaum* aborda a vida do refugiado sírio Zain e os desafios enfrentados por ele em contexto de abandono parental e de negligência do Estado em relação aos seus direitos enquanto criança. Zain é acusado de ter desferido uma facada em um comerciante local chamado Assad “[...] em defesa da honra de sua irmã [Sahar] que tinha quase a sua idade” (FRAGUAS; RECHULSKI, 2019, p.119). A narrativa em *flashback* evidencia os acontecimentos que culminaram com a prisão do menino e o seu julgamento.

O comerciante Assad é proprietário do apartamento onde o menino mora com sua mãe, Souad, seu pai, Selim, e vários irmãos e irmãs. Na luta pela sua sobrevivência e a de sua família, o menino trabalha na mercearia de Assad realizando entregas nas imediações do bairro em que reside, cobrando dívidas e limpando o estabelecimento.

Após a menarca de Sahar, menina com cerca de 11 anos, irmã e principal companheira de Zain, seus pais começam a negociar o casamento da filha com Assad. Ao perceber as investidas do comerciante, Zain decide fugir de casa com Sahar, todavia não obtém êxito em tal empreitada e acaba indo embora sozinho. Em sua trajetória longe de casa, ao procurar emprego em um parque de diversões, Zain conhece a imigrante ilegal etíope Rahil. Ela acolhe Zain em sua casa em troca de alimentação e moradia para que ele cuide de seu bebê Yonas. Nesse contexto, Zain passa os seus dias cuidando do bebê, enquanto Rahil trabalha na lancheria do parque de diversões. Rahil acaba sendo presa, e Zain procura cuidar do bebê, mas a falta de alimentação para ambos o faz procurar ajuda na comunidade local. O comerciante Assad oferta então dinheiro a Zain

em troca do bebê. A oferta é que Zain utilize o dinheiro para ir embora da cidade, porém o menino não tem documentos. Sem nenhuma outra escolha, Zain aceita a oferta e, com o dinheiro, retorna para casa em busca de seus documentos. Ao chegar de volta a sua casa, descobre que não tem documentos e que sua irmã faleceu. O motivo da morte de Sahar foi uma hemorragia decorrente da relação sexual à qual foi submetida após o matrimônio com Assad. A morte de Sahar acaba fazendo com que Zain desfira uma facada no comerciante. Após o ato, Zain é preso. Por sua vez, “estando preso, [Zain] apresenta na justiça uma queixa contra seus pais, requerendo que sejam impedidos de ter mais filhos” (FRAGUAS; RECHULSKI, 2019, p.119).

O filme “dirigido por Nadine Labaki foi indicado ao prêmio de melhor filme estrangeiro em 2019 [...] e ganhou prêmio do júri em Cannes” (FRAGUAS; RECHULSKI, 2019, p.119). A película apresenta uma crítica social sobre as relações entre adultos e crianças em contextos de vulnerabilidade social, além de reflexões a respeito dos modos como “formas monádicas e singulares de direitos universais” (AITKEN, 2019, p.43) – tal como expressas pela CDC – não são capazes de atender todas as crianças. Inspirados em Guerra (2018, p.64-65), podemos dizer que o filme, ao retratar a temática da infância e da pobreza, nos ajuda “[...] a voltar a tornar visível aquilo que deveria voltar à nossa vista em todos os lados, tornando um objeto de preocupação aquilo que não deveria deixar nunca de preocupar-nos – a vulnerabilidade e exposição de uma vida nascente”. Embora *Cafarnaum* seja uma obra ficcional, provoca o espectador a não ser indiferente à “naturalização da pobreza” (GUERRA, 2018, p.58).

ETNOGRAFIA DE TELA, DIREITOS DAS CRIANÇAS E CIDADANIA DA INFÂNCIA

Conforme referimos na seção anterior, metodologicamente, as análises a serem compartilhadas no artigo serão pautadas pela *etnografia de tela* (RIAL, 2005; BALESTRIN, 2011). A etnografia de tela “[...] é uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica [...]” (RIAL, 2005, p.120-121). A etnografia de tela também contempla análises “próprias da crítica cinematográfica” (RIAL, 2005, p.121), como cenografia, sonoplastia, figurino, roteiro, planos de filmagem, entre outros recursos utilizados para narrar o filme através de imagens. Ademais, o processo de análise fílmica a partir de uma etnografia de tela abrange o levantamento e a leitura de críticas sobre a obra escolhida como objeto de estudo.

Em outras palavras, como aponta Balestrin (2011), a etnografia de tela recontextualiza as estratégias da etnografia antropológica no processo de análise fílmica. Desse ponto de vista, entendemos que os filmes, enquanto artefatos da cultura, são potentes materiais empíricos para a discussão dos modos como temos pensado as infâncias contemporâneas.

Enquanto analistas do filme, ressaltamos que o menino Zain - personagem central- é submetido a diversas injunções sociais que impactam não apenas a vida dos adultos que convivem com ele, mas também sua vida e a das demais crianças da narrativa. Em nossas análises, destacamos a condição de vida miserável de Zain e de sua família e, de modo correlato, as implicações dessa condição social nas relações estabelecidas pelo menino no decorrer da trama.

Isso implica dizer que esses personagens, na impossibilidade de serem reconhecidos como cidadãos, passam a ser vistos como *redundantes* (BAUMAN, 2005). Conforme esclarece Bauman (2005, p.20), “ser ‘redundante’ significa ser extranumérico, desnecessário, sem uso - quaisquer que sejam os usos e necessidades responsáveis pelo estabelecimento dos padrões de utilidade e de indispensabilidade”. Segundo o autor, a “redundância compartilha o espaço semântico de ‘rejeitos’, ‘dejetos’, ‘restos’, ‘lixos’, refugos” (BAUMAN, 2005, p. 20).

A narrativa do filme é ambientada em contexto social de extrema pobreza e vulnerabilidade. A diretora Nadine Labaki visibiliza, através da vida de Zain, as infâncias que se constituem na periferia de Beirute. A esse respeito, entendemos ser possível aproximar a discussão provocada pelo filme da pesquisa desenvolvida por Arenhart (2016), ao analisar culturas infantis produzidas por grupos de crianças entre 4 e 6 anos de idade, sendo um desses grupos constituído por crianças “[...] empobrecidas e moradoras em uma favela do Rio de Janeiro” (ARENHART, 2016, p. 18). Conforme a pesquisadora, as comunidades periféricas podem ser consideradas “parte substancial da composição social, cultural e política das cidades, especialmente dos grandes centros urbanos brasileiros” (ARENHART, 2016, p. 62), como no Rio de Janeiro, foco de seu estudo.

Diante das assimetrias socioeconômicas compartilhadas em *Cafarnaum*, questionar as condições sociais em que vivem as crianças em situação de pobreza tem uma relevância ética e política. Isso porque, conforme Guerra

(2018, p.56), “[...] tendencialmente, a pobreza se torna invisível, seja pela distância que nos separa dela, seja pela proximidade que nos habitua a ela”. Desse ponto de vista, o filme nos possibilita discutir as relações entre infância e cidadania, especialmente quando crianças em situação de vulnerabilidade social, como os personagens da história, são destituídas de seus direitos fundamentais. Assim, concordamos com Aitken (2019, p.116) quando afirma que “[...] a participação e cidadania das crianças, assim como de todos, deve ser examinada em termos de relacionamentos interdependentes, não em termos de direitos universais[...]”.

AS RELAÇÕES FAMILIARES, OS LAÇOS DE AMIZADE ENTRE IRMÃOS E A FUGA DE ZAIN

Episódio 2: Relações de amizade entre irmãos

O cotidiano de Zain envolve uma tensão contínua na relação que estabelece com seus pais. Em sua casa, seus pais discutem regularmente. Os diálogos familiares se resumem a xingamentos. Um de seus irmãos, ainda bebê, passa o dia acorrentado pelo tornozelo a um móvel da casa. O presídio local é um dos lugares comuns frequentados com sua mãe, para visitas ao irmão mais velho. Na mercearia de Assad, Zain realiza trabalhos braçais até a exaustão. Com o tempo, o menino percebe o crescente interesse de Assad pela irmã, Sahar. Entre os personagens apresentados no filme, é com Sahar que vemos Zain expressar uma relação de amizade e cuidado. (Transcrição do Diário de Campo)

O filme apresenta o cotidiano de Zain em uma situação familiar marcada por conflitos. Desempregados, a mãe e o pai do menino precisam lidar com uma condição econômica miserável e os inúmeros gastos que envolvem o sustento de uma família com vários filhos. As brigas, discussões e lamentos no âmbito familiar constituem um contexto social que representa a luta diária da família em uma ordem social insensível aos dramas vivenciados por eles.

Zain é o único membro da família que trabalha. A atividade laboral do menino é o que assegura o sustento financeiro de sua família, não apenas através da remuneração recebida por trabalhar na mercearia de Assad, mas também pelos produtos que furta do próprio estabelecimento. Nas relações familiares narradas no filme, o menino desfruta de um vínculo de amizade com sua irmã Sahar, o qual é marcado por diálogos com partilha de ideias, sonhos e descobertas em relação ao mundo adulto. Enquanto crianças, Zain e Sahar expressam o sentimento de carinho que têm um pelo outro em múltiplas

linguagens, compartilhadas na narrativa do filme. De acordo com Gobbi (2010, p.1), “[...] as crianças estão mergulhadas em contextos sociais diversos que lhes apresentam aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e variadas manifestações culturais e expressivas[...]”, os quais lhes possibilitam atribuir sentidos ao mundo e estabelecer relações com seus pares.

De fato, o filme *Cafarnaum* permite problematizar aquilo que comumente definimos como “mundo infantil”, nas suas figuras e representações clássicas. Isso porque esse “mundo infantil” não é um “universo” harmônico, universal, muitas vezes caracterizado como uma etapa de vida preparatória para o mundo adulto, mas decorrente de uma construção social e histórica. Por essa via analítica, Gobbi (2010, p. 1) destaca a capacidade das crianças em “provar a vida de modo intenso, com tudo o que isso envolve, tais como, confrontos, tristezas, alegrias, amizades, tensões”, assim como é narrado no filme examinado.

Dentre as práticas culturais possíveis de serem pensadas no filme a partir de nossas análises, destacamos as maneiras como Zain percebe os interesses sexuais demonstrados por Assad em relação a sua irmã Sahar. O menino identifica os olhares, os sorrisos, os convites para passeio, os presentes oferecidos pelo comerciante a sua irmã e depreende que Sahar está sendo assediada. Zain compreende o que significa ser uma menina em uma sociedade patriarcal que tem, na figura masculina adulta, uma posição centralizada de poder. O menino demonstra sua insatisfação com os assédios sofridos por sua irmã quando, por exemplo, joga fora todos os presentes que Sahar recebe de Assad.

Do ponto de vista analítico, isso implica entender que as crianças têm interesse sobre “um amplo espectro que vai das questões sobre a natureza humana àquelas voltadas para demais aspectos da vida” (GOBBI, 2010, p.1), independentemente de serem experiências agradáveis ou não. O que a narrativa fílmica mostra é que, em contextos de vulnerabilidade econômica e social, as fronteiras sociais entre o mundo adulto e o infantil encontram-se cada vez mais “borradas”. Em tal direção, compartilhamos a seguir um episódio no qual é veiculada a “transição” de Sahar para o mundo adulto.

Episódio 3: A menarca de Sahar

Certa manhã, Zain acorda em sua casa, na cama compartilhada com os demais irmãos e irmãs, e percebe que há manchas de sangue em uma parte do lençol. Ele sabe que aquele sangue é de sua irmã Sahar. Após muito refletir, decide propor uma conversa

com sua irmã sobre o que estaria acontecendo. Zain então começa a explicar a Sahar as implicações daquele acontecimento. Ele faz a irmã recordar um episódio: “Lembra do que aconteceu com a Alia?”, indaga. Sahar tenta argumentar, e Zain decide ser mais explícito: “Ela”, referindo-se à mãe, “vai lhe entregar para o Assad!”. Zain descreve uma série de situações que aconteceriam com sua irmã e como ela deveria agir, visando ao ocultamento de sua menarca. (Transcrição do Diário de Campo)

Como é possível observar, Zain tem conhecimento das posições sociais ocupadas por meninos e meninas nas suas relações com os adultos no contexto de sua cultura. O matrimônio de meninas após a menarca é de fato uma prática conhecida pelo menino. Todavia, Zain resiste à “normalização da dicotomia homens versus mulheres” (FINCO, 2015, p.107), a qual acabou fundando em nossas sociedades uma “forma de pensamento segundo a qual há um jeito de ser feminino e um jeito de ser masculino” (FINCO, 2015, p.107), assim como um valor social diferenciado ao gênero masculino.

Como sugere Finco (2015, p. 107), socialmente “a cristalização dos papéis masculinos e femininos já se inicia na infância e leva à produção da menina e do menino ‘legítimos’ ou ‘normais’”. Embora repudiasse a situação a que estava sendo submetida sua irmã, Zain sabia que, a partir do momento em que os adultos soubessem sobre a menarca de Sahar, a vida da menina mudaria drasticamente. Os “papéis” masculinos e femininos, no contexto de sua cultura, parecem ser de conhecimento de Zain, como nos indica o filme. Há, assim, todo um esforço do protagonista em proteger sua irmã.

Na percepção do menino, ocultar o ocorrido com Sahar possibilitaria postergar a estadia da irmã em sua casa. É perceptível, na narrativa, como o menino aprende como certas práticas culturais ocorrem na sociedade em que vive e como tais práticas influenciam os modos como os adultos enxergam as crianças. No referido episódio, Zain compartilha com sua irmã o seu conhecimento a respeito do processo de transição das meninas para o mundo adulto. De fato, o menino procura uma forma de educá-la, em alguma medida, sobre os valores sociais de sua cultura. Sem outra opção, o menino decide fugir de casa com a sua irmã, como poderá ser acompanhado no episódio a seguir:

Episódio 4: A fuga de casa

Ao chegar em casa após seu trabalho, Zain se depara com Assad conversando com seus pais. Terminado o encontro com Assad, o filme mostra a mãe e o pai de Zain sentados, em silêncio, parecendo estar absolutamente desolados. Diante dessa situação,

Zain percebe que houve um acordo sobre o casamento de Sahar. Por isso, passa a noite formulando um plano de fuga. Ao acordar, coloca Sahar a par do que está planejando, dizendo para ela estar pronta quando ele regressar do trabalho. Zain utiliza de suas economias financeiras para comprar uma passagem de ônibus para ele e sua irmã. O destino? O menino não sabe. O objetivo é levar sua irmã para longe de casa. Entretanto, ao retornar, ele presencia sua irmã sendo levada de casa pelo comerciante Assad. Inconformado com a situação, Zain luta para impedir a partida de sua irmã, todavia não tem sucesso. Zain decide, então, realizar a viagem já planejada, embarcando sozinho no ônibus. (Transcrição do Diário de Campo)

O episódio descrito evidencia uma espécie de “fechamento”, que consideramos como sendo de um “primeiro capítulo” do filme *Cafarnaum*. Nessa narrativa, vemos Zain percebendo que aquilo que havia dito anteriormente para sua irmã sobre o perigo de ela ser ofertada em casamento a Assad termina ocorrendo. Inicialmente, a mãe mente para o menino, dizendo que o encontro entre adultos dizia respeito apenas a questões envolvendo a moradia da família, uma vez que eles moravam em uma propriedade de Assad.

Contudo, Zain deduz que outras questões foram discutidas no encontro entre os seus pais e Assad. O menino elabora então um plano de fuga, tendo em vista proteger sua irmã. De fato, o menino nota a existência de “um padrão socialmente imposto do que seria certo ou errado, aceitável ou passível de rejeição” (FINCO, 2015, p.110) no âmbito do sexismo presente em sua cultura. A esse respeito, consideramos oportuno pensar em realidades sociais e culturais nas quais hábitos culturais adultos reverberam indefectivelmente na vida das crianças e cujos efeitos estão fora do alcance de suas possíveis reivindicações.

A narrativa fílmica evidencia o esforço de Zain para subverter uma decisão dos adultos. Considerando tais entendimentos, podemos estabelecer uma aproximação do filme com as discussões propostas por Colonna (2012) em sua investigação, cujo objetivo central foi examinar a experiência “ser criança” em um bairro da periferia de Maputo, em Moçambique. Colonna (2012, p. 290) aponta que “muitas investigações reconhecem que as crianças passam grande parte das suas vidas em companhia e, frequentemente sob o cuidado, dos seus irmãos mais velhos, que desempenham um papel central nas suas vidas”. Desse modo, há que se reconhecer a importância das *culturas de pares* (CORSARO, 2011) entre as crianças ao compartilharem seus conhecimentos

com seus coetâneos, em decorrência de processos de aprendizagem que, muitas vezes, desafiam as normatizações adultas.

Colonna (2012, p.290) avança na discussão, criticando um determinado tipo de produção acadêmica que produz análises sobre a vida das crianças sem, contudo, “procurar compreender de que forma as crianças aprendem, negociam e desafiam papéis culturalmente estabelecidos”. No desfecho da narrativa do filme compartilhada no episódio anterior, pode-se perceber Zain desafiando, dentro de suas possibilidades, seus próprios pais no que se refere aos papéis sociais que lhes são atribuídos enquanto crianças. Em suma, o menino evidencia a luta pelo direito de viver uma outra vida.

Os infortúnios acometidos sobre os dois irmãos levam tanto Zain quanto Sahar a saírem da casa de seus pais, embora cada um deles percorra destinos diferentes, conforme abordaremos na próxima seção.

A VIAGEM, OS ENCONTROS INESPERADOS E O DESTINO DE ZAIN

Episódio 5: A viagem

Em uma viagem cuja única certeza era sair de sua casa, do convívio com seus pais, Zain parte para um novo momento do filme, no qual novos encontros determinam suas futuras ações. A certa altura da viagem, um senhor senta-se ao seu lado. Usando uma fantasia velha, rasgada, com cores desbotadas, o homem, ao ser questionado por Zain se seria o Homem-Aranha, explica ao menino que ele é o Homem-Barata, “primo” do outro personagem. Os dois continuam a conversa durante algum tempo, até o momento em que o senhor desembarca do ônibus. Zain observa o senhor. O Homem-Barata caminha rumo ao parque de diversões. Então, o menino decide descer na mesma parada e seguir o homem em direção ao parque. Ainda é dia, e o parque encontra-se fechado naquele momento. Zain aproveita para entrar no parque. Imensos brinquedos coloridos, construídos para divertir as pessoas, parecem deteriorados pela falta de manutenção. Zain se dirige à roda-gigante. Ele entra e aciona o brinquedo. Do alto da roda-gigante, Zain enxerga a sua cidade. Não há nenhum esboço de alegria no menino em toda a cena. (Transcrição do Diário de Campo)

A fuga de Zain e a longa viagem de ônibus sinalizam ao espectador a subversão do menino em relação às decisões unilaterais dos adultos. Ainda que

sem garantia alguma de que sua fuga seria positiva, Zain inicia uma trajetória própria, na qual novos encontros e relações sociais passam a ser estabelecidos.

O pitoresco encontro de Zain com o passageiro Homem-Barata, o qual se senta ao seu lado no banco do ônibus, remete-nos a reflexões sobre infância, cultura e globalização. De alguma forma, o personagem que Zain conhece lhe possibilita ressignificar alguns de seus conhecimentos sobre uma cultura aparentemente “globalizada”, que constituiu, por exemplo, algumas de suas relações sociais com seus pares e mesmo com outros adolescentes e adultos que fazem parte do seu contexto social. Entendemos que o Homem-Barata apresenta a Zain novas nuances de uma cultura até então estabelecida, como pode ser acompanhado no diálogo a seguir:

Episódio 6: Diálogo entre Zain eo Homem-Barata

– Você é o Homem-Aranha? – indaga Zain ao ver o homem fantasiado.

– Eu não sou ele. Mas pareço com ele – argumenta o homem.

– Isso é uma barata, mas deveria ser uma aranha – declara o menino enquanto aponta para o símbolo presente na parte frontal da fantasia.

O menino segue observando atentamente o homem e então pergunta:

– Você é parente do Homem-Aranha? – insiste Zain.

– Parente? Sou o primo dele – responde o senhor.

(Transcrição do Diário de Campo)

Analicamente, a nova referência cultural apresentada a Zain no encontro com o Homem-Barata é apropriada pelo menino por meio de um processo de *reprodução interpretativa* (CORSARO, 2011). Ao propor esse conceito, Corsaro (2011, p. 31) problematiza teorias de socialização, “unicamente como a internalização isolada dos conhecimentos e habilidades de adultos pela criança”. Assim, Corsaro (2011, p. 31) compreende que a socialização das crianças “não é só uma questão de adaptação e internalização, mas também um processo de apropriação, reinvenção e reprodução”.

Do ponto de vista adulto, as imagens que emergem quando pensamos em “crianças em um parque de diversões” talvez nos remetam a crianças se divertindo e brincando. Ao adulto, tais imagens podem parecer naturais. Contudo, a cena em que Zain anda de roda-gigante possibilita perceber um contexto que parece estar distante das imagens que nós adultos suporíamos apressadamente. Na cena descrita, a ludicidade, se existiu, materializou-se de

um modo muito peculiar. Para Autor (ano), por exemplo, o lúdico ganha existência a partir dos ambientes sociais que são constituídos pelas crianças.

Nessa perspectiva, entendemos, a partir de Autor (ano, p.XX), que os *ambientes lúdicos* são constituídos em “uma conjunção entre sujeitos, espaço físico, temporalidades, materiais, cores, cheiros, sons e as diferentes relações que lá se estabelecessem”. Aproximando tal visão de nossas análises sobre o filme, percebemos que a expressividade de Zain durante o passeio na roda-gigante de um parque de diversões coloca em xeque os modos como nós, adultos, compreendemos as experiências lúdicas das crianças. Desse ponto de vista, o autor afirma que “não há, absolutamente, um espaço, objeto, brincadeira, atividade ou ações ‘lúdicas’ específicas que possam preceder a materialização de um ambiente lúdico” (AUTOR, ano, p. XX). Reconhecendo a preponderância de certas atividades, Autor (ano, p.XX) argumenta que a constituição de um ambiente de diversão “dependerá, nesse caso, de como se darão essas ações entre os sujeitos com seu contexto, nas diversas relações lá estabelecidas”.

RELAÇÕES DE CUIDADO E AMIZADE ENTRE ZAIN, RAHIL E O BEBÊ YONAS

Episódio 7: O encontro entre Zain e Rahil

Após sua experiência na roda-gigante, Zain começa a interpelar as pessoas à sua volta, na busca de um trabalho. Nesse movimento, acaba encontrando-se com uma das trabalhadoras do parque de diversões chamada Rahil. Rahil é mãe do bebê Yonas. Ela e seu filho vivem como imigrantes ilegais. A busca do reconhecimento social de ambos se traduz no filme na luta pela aquisição de documentos, obtidos por meios ilícitos. A aproximação de Rahil com Zain ocorre pela possibilidade de o menino cuidar de Yonas durante o turno em que Rahil estivesse trabalhando. Em troca, Zain ganharia um novo lar e uma nova constituição familiar. A partir desse acontecimento, o filme centraliza seu enredo nas relações que passam a ser constituídas entre Zain e Yonas, enquanto paralelamente apresenta o drama de Rahil como imigrante ilegal que precisa conseguir um visto para poder trabalhar e permanecer na cidade. (Transcrição do Diário de Campo)

O filme, ao ampliar o horizonte de expectativas sociais de Zain, apresenta novas questões. Em Beirute, a rede de contatos sociais do menino dissipa-se em meio às diferentes pessoas que ele encontra no decorrer de sua fuga de casa. A

experiência prévia de Zain como trabalhador em uma mercearia não lhe assegura nenhuma vantagem para conseguir um emprego. Por outro lado, o encontro com Rahil provoca um tipo de “fissura” na estrutura social estabelecida no filme.

Destacamos, por exemplo, a importância dos contextos urbanos e dos espaços da cidade na constituição das experiências de vida das crianças. Esse é um tema debatido recorrentemente nos Estudos Sociais da Infância; portanto, abordaremos algumas considerações de Aitken (2014) e Sarmiento (2018) para compor as análises.

Em ambos os artigos, os autores trazem contribuições para que possamos desenvolver um debate sobre a relação das crianças com os contextos urbanos nos quais estão implicadas. Conforme Aitken (2014, p. 675), “as crianças e adolescentes estão cada vez mais sendo colocados em posições insustentáveis com relação ao seu direito de representação civil e seu acesso aos espaços públicos da cidade”. O autor busca compartilhar exemplos de mobilização social de crianças e adolescentes, elucidando modos de “reimaginar” a criança, o espaço urbano e a política.

Em direção semelhante, Sarmiento (2018, p. 232) afirma que a relação entre criança e cidade “exprime a complexidade das realidades sociais contemporâneas, podendo associar-se aos contextos urbanos, tanto fatores de restrição da cidadania da infância quanto fatores de possibilidade”. Assim, o autor compreende que “as cidades não contêm apenas fatores de restrição de direitos; elas são, também, pelas suas características espaciais e relacionais, contextos possíveis de potenciação dos direitos [...]” (SARMENTO, 2018, p. 233).

O filme nos possibilita pensar que parte do drama enfrentado por Zain e por Rahil e seu bebê Yonas é decorrente de questões sociais relativas a direitos de representação civil enquanto cidadãos. Em contextos de vulnerabilidade, é possível perceber uma série de assimetrias sociais que são produzidas nas sociedades contemporâneas. No filme, por exemplo, há vários episódios em que as condições econômicas desfavoráveis acabam levando os personagens a tomar decisões em defesa de suas sobrevivências. Conforme Sarmiento (2018, p. 233), as marginalizações socioeconômicas “se exprimem na própria organização da cidade em uma estratificação espacial que é correspondente à estratificação social”. Ora, sempre é bom lembrar que os modos como se organiza

espacialmente a cidade conferem determinados privilégios às pessoas economicamente favorecidas.

Por outro lado, Sarmiento (2018, p. 233) considera que, a despeito da existência de “espaços urbanos degradados, insalubres, desqualificados e frequentemente abandonados” em decorrência “do aumento das desigualdades sociais por efeito da concentração capitalista da propriedade”, ainda é possível que as crianças desfrutem de experiências. Do ponto de vista do autor, mesmo os contextos urbanos periféricos podem ser “o local da experiência infantil, pela potenciação das formas de descoberta e conhecimento que propiciem” (SARMENTO, 2018, p. 238), uma vez que esses contextos possibilitam “tanto fatores de restrição da cidadania da infância quanto fatores de possibilidade” (SARMENTO, 2018, p. 232) de exercício dela.

Desse modo, como indica Sarmiento (2018), pode-se depreender que as crianças ressignificam suas condições de vida *a partir de uma dialética* entre restrição e possibilidade que equaciona a *condição da infância na cidade*. Entretanto, o desenrolar da luta pela sobrevivência vivenciada por Zain, como poderá ser acompanhado a seguir, permite problematizar a referida proposição de Sarmiento (2018):

Episódio 8: A prisão de Rahil

Rahil é presa por ser imigrante ilegal. Os dias passam, e Rahil não retorna para casa. Zain e Yonas acabam ficando sem comida. Zain toma a difícil decisão de sair de casa com Yonas à procura de Rahil. O filme então mostra as dificuldades de Zain em conseguir sustentar a si e ao bebê Yonas ao perambular pelas ruas da cidade. As refeições são conquistadas pelo menino com extrema dificuldade. O drama aumenta quando Zain perde inclusive o acesso à moradia de Rahil. Nesse momento, outros personagens ganham destaque no filme, como o comerciante Aspro, que negociava com Rahil os documentos ilícitos que ela necessitava para sua regularização na cidade, além de assediá-la em relação à tomada da guarda de seu filho por meios ilegais. O filme também destaca Maysoun, uma menina que comercializa produtos pelas ruas nas proximidades do mercado e que ensina a Zain como funciona a dinâmica comercial naquele contexto. O tempo de espera pelo retorno de Rahil dissipa as energias de Zain. A falta de comida e de um local seguro para dormir, assim como de pessoas que o acolham, acabam fazendo com que o menino tome uma decisão: negociar o bebê Yonas com Aspro. Aspro promete uma nova família para o bebê e dinheiro para que Zain viaje para outra cidade. Aspro solicita os documentos de

Zain, porém o menino não os tem. Zain decide retornar a sua casa em busca de documentos para poder ir definitivamente embora de casa. (Transcrição do Diário de Campo)

Mesmo se tratando de uma obra ficcional, o episódio compartilhado nos possibilita problematizar algumas considerações de Sarmento (2018) apresentadas anteriormente. Para o referido autor, a despeito das distorções e desigualdades sociais que podem impactar a constituição das experiências das crianças contemporâneas, haverá sempre *fatores de possibilidade* emergentes nesse processo. Contudo, a narrativa de *Cafarnaum* parece reforçar uma perspectiva que compreende que os apontamentos de Sarmento (2018) não devem ser dissociados de uma crítica sobre as desigualdades sociais existentes localmente, mas também na relação dos países com outras nações, em um contexto mundial de desigualdades sociais.

Nesse sentido, entendemos que as desigualdades sociais existentes se constituem em meio a um “capitalismo neoliberal” (AITKEN, 2019) que, segundo Liebel (2019, p. 8), é também um capitalismo cognitivo, que se expressa em uma “sociedade-mercado”. Essas desigualdades sociais são visibilizadas em *Cafarnaum*. Isso porque, em grande medida, o drama enfrentado por Zain é muito próximo ao drama vivenciado por milhares de crianças de diferentes lugares do mundo, como é o caso das crianças brasileiras em situação de pobreza e vulnerabilidade social.

Embora o filme apresente a história de Zain, em *Cafarnaum* há também uma história sobre como determinadas crianças vivem contemporaneamente suas infâncias no Líbano. E, para nós, pesquisadores brasileiros, latino-americanos, é possível estabelecer inúmeras relações entre esse filme e o contexto de miséria e vulnerabilidade social em que vivem muitas crianças em nosso território nacional. No desenrolar da trama, ao encaminhar Yonas para Aspro, Zain percebe a sua *posição insustentável* (AITKEN, 2014), que indefectivelmente delimita o seu campo de possibilidades.

Desse modo, Zain regressa para casa com o objetivo de conseguir um documento que “comprove” a sua existência no mundo. Ao entrar em casa, seu pai está dormindo. O menino então inicia sua busca. As gavetas possuem inúmeros papéis. Nesse movimento, sua mãe o encontra, e uma nova discussão começa. Seu pai acorda e, irritado, mostra a Zain vários papéis: “Tenho um monte deles, escolha o que quiser”, afirma o pai, “tenho inclusive um aviso de despejo...”. Durante a discussão, o pai diz a Zain: “Somos uns parasitas”. Zain

então descobre pelo pai que sua irmã está morta: “Sahar foi embora, acabou. Ela acabou não resistindo”. Inconformado, Zain pega uma faca e corre em direção à mercearia de Assad. Seus pais tentam impedi-lo, em vão. O menino ataca o comerciante com a faca. Zain acaba sendo preso pelo crime que cometeu.

O JULGAMENTO DO MENINO ZAIN E A ACUSAÇÃO DOS SEUS PAIS

Episódio 9: Julgamento

- Você sabe por que está aqui? – indaga o juiz.
 - Sim – responde Zain.
 - Por que você está sendo julgado? – insiste a autoridade.
 - Prestei queixa contra meus pais – alega o menino.
 - E qual é a sua queixa?
 - Eu quero que meus pais sejam proibidos de terem mais filhos.
- (Transcrição do Diário de Campo)

O julgamento possibilita que os personagens centrais do filme se expressem sobre as decisões que tomaram durante o desenvolvimento da trama. O tribunal serve como um plataforma para o compartilhamento dos pontos de vista dos personagens. No desfecho do filme, o espectador é interpelado a avaliar, junto com o juiz, os depoimentos compartilhados. Desse modo, procuraremos discutir alguns desses depoimentos e suas implicações na vida do menino.

Inicialmente, destacamos o depoimento do pai de Zain. Ao ser indagado pelo juiz sobre a decisão tomada, em comum acordo com a esposa, de entregar a responsabilidade do cuidado de sua filha de 11 anos para Assad, por meio de um matrimônio, o pai defende-se, argumentando que tomou tal decisão para retirar a filha da “vida miserável” que vivia com sua família.

Em relação ao comerciante Assad, o juiz o interpela: “Uma menina de 11 anos está apta a se casar? Ela sabe o que isso significa?”. Questionado a respeito da naturalização do matrimônio com uma criança, Assad responde ao juiz: “Para a gente, é normal. É assim. Um monte de meninas se casa com essa idade”. Ele ainda narra ao juiz o exemplo de sua família, afirmando: “Minha madrasta era bem jovem quando se casou com meu pai. E ela está aqui, bem viva”. Amparando a si mesmo sob essa prática cultural, ele admite ao juiz: “Eu não sabia que ela podia morrer disso”.

Embora possamos elencar questões particulares ao universo do filme *Cafarnaum*, existem aspectos vivenciados por Zain que podem ser tematizados em outros contextos. Tomemos de empréstimo o questionamento de Qvortrup (2011, p. 202): “Como se cuida da infância ou se presta atenção nela, no conjunto das macro forças que influenciam a vida das crianças?”. A indagação do autor é decorrente de debates históricos, sendo possível apontar alguns marcos representativos que deram movimento a tal historicidade. Um dos marcos que mobilizou uma série de debates sobre a vida das crianças diante das *macroforças* (QVROTRUP, 2011) foi a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) (UN, 1989).

Para Aitken (2019, p. 78), a CDC “instituiu uma mudança em como pensamos não apenas a respeito das crianças, mas também de direitos em geral”. Conforme o referido autor, a CDC foi fundamental para se estabelecer um ambiente global de discussões, possibilitando uma distinção entre os direitos “humanos” (adultos) e os direitos das crianças.

Por sua vez, Liebel (2019) compreende que a CDC é o documento de direito internacional mais importante em matéria de direitos da infância, sendo resultado de um processo que remete à definição de direitos humanos advindos basicamente do pensamento moderno europeu do século XVII. Segundo o autor, dentro de um percurso histórico de produção de convenções de direitos, a CDC envolve debates referentes aos cuidados e necessidades das crianças em todo o mundo, a partir da instituição de um pensamento universal sobre como devem ser cuidadas e educadas as crianças.

Contudo, conforme referimos na seção inicial do artigo, ambos os autores - Aitken (2019) e Liebel (2019) - também apresentam críticas em relação à universalização da CDC como medida para a equalização de direitos sociais que ela própria enuncia. Aitken (2019) explica que, no início da década de 2000, consolidou-se um debate, sobretudo no meio acadêmico, problematizando a noção de direitos universais da criança presente na base conceitual da CDC. Desse ponto de vista, Aitken (2019, p. 87) aponta que “o principal problema dos direitos universais da criança é fundamentalmente uma questão de justiça distributiva”. Para o referido autor, o discurso dos direitos das crianças instituído na CDC “tem se tornado tecnocrático ao ponto de deixar de abordar a questão das relações de poder” (AITKEN, 2019, p. 88).

De acordo com Aitken (2019, p. 32), os “direitos universais” como apresentados na CDC “são necessariamente globais e abstraídos de contextos locais, sendo delineados a partir de noções pré-concebidas de uma noção humana generalizada”. Desse modo, o autor argumenta que “a ideologia ocidental do individualismo liberal, que deu origem à legislação dos direitos, é distinta, descontextualizada e conflitante de formas que não se enquadram em cenários dos países do Sul” (AITKEN, 2019, p. 90). E podemos ampliar esse enquadramento a outros contextos sociais, como aquele apresentado em *Cafarnaum*.

Nas palavras de Aitken (2019, p.89), “é impossível isolar os direitos das crianças das questões de classe, raça e gênero vivenciados no relacionamento com outras crianças e adultos”. Ora, conforme o autor, “a ideia da CDC de direitos universais da criança, portanto, não é propagada sem importantes alterações de perspectiva nas implementações locais” (AITKEN, 2019, p. 92).

Em ótica semelhante, Liebel (2019) indica que a consolidação de direitos universais para as crianças dependerá da interpretação que cada sociedade, nas suas relações de poder, realizará ou não. E, nesse âmbito, o autor aponta que a CDC, nos seus postulados, não é vista como “unanimidade” por parte da comunidade internacional, pois há uma parcela considerável da sociedade que não compreende as crianças como sujeitos capazes de um pensamento racional e, portanto, a noção de direitos não deveria ser enunciada dessa forma.

Contudo, para Liebel (2019), dentre a parcela da sociedade que, em alguma medida, defende ou é favorável à CDC, é possível identificar ao menos duas posições distintas entre si: “Enquanto uns consideram a CDC como um ‘marco histórico’ no caminho para uma melhor infância, e lamentam apenas a sua falta de aplicação, outros a veem como um projeto eurocêntrico imperial, que impõe noções ocidentais de infância [...]” (LIEBEL, 2019, p. 87). O autor aponta a necessidade de uma problematização do universalismo presente na CDC para que, através de uma reflexão crítica, se passe a considerar os contextos sociais contemporâneos. Para ele, somente assim será possível compreender que a CDC não deve ser tida como uma instância final, mas plataforma de debate e de análise crítica e contextual dos modos como estão sendo garantidos os direitos das crianças.

Conforme Liebel (2019, p. 20), existem “[...] certas normas universalistas indispensáveis”. Todavia, tais normas “[...] devem ser interrogadas sobre suas

próprias condições históricas e culturais e não politicamente instrumentalizadas e impostas ‘de cima para baixo’ às pessoas” (LIEBEL, 2019, p.20). Portanto, questionamos: como estamos cuidando da infância - em sua condição de categoria estrutural da sociedade, como defendida por Qvortrup (2011) - nas suas diversidades, naquilo que aproxima diferentes culturas, em uma contemporaneidade social, democrática e neoliberal que não consegue sustentar seus próprios postulados perante os inúmeros exemplos de desigualdades sociais já consolidados globalmente?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista da proposta do artigo, que buscava tematizar a cidadania e os direitos das crianças a partir de uma *etnografia de tela* (RIAL, 2005) do filme *Cafarnaum*, procuramos compor uma linha de argumentação que, ao mesmo tempo que tematizou o drama vivenciado pelo menino Zain, apresentou algumas considerações a serem pensadas no âmbito da discussão dos Estudos Sociais da Infância. Em tal direção, consideramos ser imprescindível enfatizar que há ainda um debate a ser realizado no que diz respeito a uma diminuição da distância social existente entre as discussões acadêmicas e os documentos normativos dedicados aos direitos das crianças. As conceitualizações, muitas vezes padronizadas, de documentos normativos como a CDC (UN, 1989) com frequência desconsideram as crianças que se encontram à margem das “benesses” de nossa democracia neoliberal. A trama apresentada pelo filme *Cafarnaum* parece ilustrar o distanciamento que precisamos enfrentar enquanto pesquisadores, professores e cidadãos envolvidos na luta pelos direitos das crianças.

A narrativa do filme pode ser vista também como a derrota de um ordenamento jurídico construído sobre os pilares de uma democracia neoliberal, a qual não consegue dar conta das assimetrias sociais que foram sendo consolidadas nas últimas décadas. O relato final dos personagens perante o tribunal expõe uma série de incapacidades dos adultos, derivada de suas condições econômicas, que os impede de oferecer condições mínimas de existência aos filhos ou ainda, por questões culturais, reforçam uma insensibilidade em relação às opiniões e sentimentos que afetam diretamente as crianças que conosco partilham a vida em sociedade. Portanto, ratificamos a pergunta: afinal, quem é a criança sujeito de direitos?

REFERÊNCIAS

AITKEN, Stuart. Do apagamento à revolução: o direito da criança à cidadania/direito à cidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 675-697, jul. 2014.

AITKEN, Stuart. **Jovens, direitos e território**: apagamento, política neoliberal e ética pós-infância. Brasília: UNB, 2019.

ARENHART, Deise. **Culturas infantis e desigualdades sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

BALESTRIN, Patrícia Abel. **O corpo rifado**. 2011. 178 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BROSTOLIN, Marta Regina. Cidadania Infantil: questões contemporâneas e implicações para a participação da criança. **Eccos – Revista Científica**, São Paulo, n.56, p.1-14, e13186, jan./mar.2021.

CAFARNAUM. Direção: Nadine Labaki. Produção: Khaled Mouzanar. Líbano: Sony, 2018.

COLONNA, Elena. **“Eu é que fico com a minha irmã”**: vida cotidiana das crianças na periferia de Maputo. 2012. 358 p. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) – Universidade do Minho, Minho, 2012.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FINCO, Daniela. Gênero, corpo, infância: desafios para a educação descolonizadora de meninos e meninas. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de et al. (Orgs.). **Infâncias e pós-colonialismo**: pesquisas em busca de pedagogias descolonizadoras. Campinas: Leitura Crítica, 2015. p. 107-126.

FRAGUAS, Adriana Mattos; RECHULSKI, Janice. Cafarnaum. **Nova Perspectiva Sistêmica**, São Paulo, v.28, n.64, p.119-121, ago. 2019.

GOBBI, Márcia. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO -



PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: MEC, 2010.

GUERRA, Susana. Infância e pobreza: as crianças ao cuidado do cinema. **Margens - Revista Interdisciplinar**, Belém, v.12, n.18, p.54-66, 2018.

LIEBEL, Manfred. **Infancias dignas, o cómo descolonizarse**. Lima, Peru: Tarea Asociación Gráfica Educativa, 2019.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a "infância como um fenômeno social". **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1 (64), jan./abr. p. 199-211, 2011.

RIAL, Carmen. Mídia e Sexualidade: breve panorama dos estudos de mídia. In.: GROSSI, Miriam Pillar et al.(Orgs.). **Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades**. RJ: Garamond, 2005. p.107-136.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância e cidade**: restrições e possibilidades. Educação, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, maio 2018.

UNITED NATIONS (UN). Committee on the Rights of the Child. **Convention on the Rights of the Child**. Genebra: CRC/C/GC/12, 1989.

Recebido em 25 de junho de 2022

Aprovado em 17 de outubro de 2022